

# Chuva de Julho

um filme de Marlen Khutsiev

com Yevgeniya Uralova, Aleksandr Belyavskiy, Yuri Vizbor, Aleksandr Mitta

*Iyulskiy dozhd* | 1966 | União Soviética | 107min | M/12



## Marlen Khutsiev, o espião do futuro.

Não é a primeira vez que o Lisbon & Estoril Film Festival dá atenção ao grande cinema russo. Indubitavelmente, é impensável perceber o cinema sem conhecer o contributo dos realizadores e dos teóricos russos. Basta pensar na base científica que os realizadores e teóricos russos emprestaram anos atrás à nova arte, nascida como entretenimento e fenómeno de barracões: de Eisenstein a Shklovsky e Tynyanov, os quais contribuíram para a elevação do cinema e do seu papel através do estudo da linguagem cinematográfica reconhecendo-lhe a mesma importância, a estruturação, a estratificação e a complexidade que a linguagem tem na literatura.

Nesta óptica, podemos afirmar que o corpo inteiro do cinema de Marlen Khutsiev (que encerra em si vários filmes-etapa da história do país e da sétima arte na Rússia) representa um válido manual da linguagem cinematográfica soviética e russa. Khutsiev soube criar um cinema novo, captar o sentido do tempo, ou melhor, de várias épocas, diria, traduzi-lo para o cinema e renová-lo sempre que uma época terminava: tem hoje 89 anos e várias foram as épocas que viveu e exprimiu. Cada filme deste realizador tornava-se de imediato não apenas um grande acontecimento artístico como também um evento peculiar na vida do país. É verdade que o seu cinema é um mundo à parte, uma percepção particular da vida, o olhar que é só seu. Mais único do que raro, ele existe no seu sistema de imagens e caracteres. Porém, o cinema de Marlen Khutsiev é o manual não apenas do cinema russo, mas da história, da cultura, até porque a sua parábola artística representa todas as fases da história do cinema

soviético desde o pós-guerra até hoje: de realizador de filmes popularíssimos a problemas com a censura, superados com a perestroika, até à escolha de numa época nova fazer filmes de ensaio refinadíssimos para o espectador de nicho. Os seus filmes e o seu destino artístico revelam as mudanças de códigos tanto artísticos como políticos: os primeiros por si estabelecidos, os segundos impostos. [...]

*Iyulskij dozhd* (*Chuva de Julho*) assinala não apenas uma etapa estilística no cinema soviético como abre a (infelizmente) longa lista de filmes dos anos sessenta condenados a ficarem escondidos em arquivo. Marlen Khutsiev foi o primeiro realizador do degelo a ser condenado ao "esquecimento imposto pela censura" com *Iyulskij dozhd* (*Chuva de Julho*), uma obra-prima indiscutível. Este filme comprova o traço principal da coragem de Khutsiev, que residia sobretudo no saber "constituir um limiar, o cume absoluto", para usar as palavras de Miron Chernenko, do cinema soviético dos anos cinquenta e sessenta e abrir uma nova página, começar a fazer o cinema do futuro. Ele percebeu em primeiro lugar que era possível e necessário encetar o discurso acerca do futuro de cada um, de um indivíduo concreto. Pessoalmente, tal escolha reservou-lhe o difícil futuro de não poder filmar com regularidade: após *Iyulskij dozhd* (*Chuva de Julho*) ter sido proibido, o filme seguinte chega passados cinco anos e decorrerão outros 10 anos sem filmar. [...]

Alena Shumakova

A projecção de *July Rain* no Il Cinema Ritrovato de Bolonha em Julho do ano passado foi um pequeno e revelador evento. Programado pelo saudoso Peter von Bagh no cinema Lumière em simultâneo com o filme na Piazza Maggiore, o filme reuniu um público composto sobretudo por críticos, cinematecários, programadores internacionais jovens e não tão jovens. Não só o filme parece uma verdadeira obra-prima dos anos sessenta, como sobretudo uma obra-prima inesperada. Muitos dos presentes não conheciam o seu autor, e podia ver-se e quase tocar com a mão a surpresa e o entusiasmo vivíssimos no final da projecção. Não pude senão perguntar-me como é que um dos maiores realizadores não apenas do cinema russo mas mundial, que com poucos filmes marcara pelo menos quatro décadas (estando ainda hoje em actividade na realização de um projecto há muito perseguido, *Nevechernija*), poderia ser tão pouco ou mal conhecido até por especialistas. De facto, o cinema permanece sempre um território a explorar e redescobrir em permanência, inclusivamente entre os seus amantes. Eis assim como nasceu a ideia de propor – juntamente com Alena Shumakova – ao LEFFEST que organizasse uma homenagem a Marlen Khutsiev, que entretanto reaparecera passadas umas semanas em carne e osso na Mostra de Veneza, participando ao lado de 70 outros realizadores no filme do septuagésimo aniversário do Festival, *Venezia 70 – Future Reloaded*.

[...]

Roberto Turigliatto



## Entrevista a Marlen Khutsiev

[...]

Neste momento, *July Rain* é o seu filme mais completo: as suas panorâmicas longas que muitos tentaram copiar, a sua atenção aos rostos das pessoas, os primeiros planos e as paisagens de uma Moscovo peculiar, cidade de árvores e de eléctricos nos seus filmes. Pormenores que imperam em primeiro plano: os olhares, os gestos, os toques ao de leve... Nesta delicada coreografia a que dá o nome de música da visualização existe, porém, um protesto silencioso contra a inércia da vida, a tristeza dos valores revistos, perdidos daquela época: o senhor sentiu o período de estagnação política e na arte a um nível, diria, epidérmico. Em que medida lhe custou ter tido de estar parado à força durante anos após *July Rain*?

Muitas coisas me traumatizaram ao longo da minha vida, não gosto de me armar em vítima, de me queixar. Além do mais, não é de todo verdade que naqueles anos tenhamos sido todos cobardes para podermos trabalhar.

É muito difícil ser-se sincero e manter essa linha em certas circunstâncias. Lembro-me de nessa altura um amigo meu, o meu colega e co-autor Felix Mironer, ter sintetizado o espírito do tempo: estávamos a passear e tínhamos visto um cartaz gigantesco com 3 perfis: Marx, Engels, Lenine, e uma inscrição encorajadora sobre o comunismo por vir. O Felix engendrou de imediato uma ladainha: “três homens barbudos apontaram-nos o caminho. Não será fácil desviarmo-nos”. É muito dramático quando se fala de ideais sagrados na sociedade sem minimamente os seguir. Crescem gerações desprovidas de valores. Voltando às minhas feridas, quando condenaram o chamado culto da personalidade de Estaline, a dessacralização da sua figura traumatizou-me. Ainda que o meu pai tenha sido vítima das purgas estalinistas, fuzilado em 1937. Eu continuava a acreditar na figura do pai dos povos. A sua dessacralização foi levada a cabo de um modo muito desajeitado. Havia que mudar a essência da vida e não os símbolos. Foi também assim que senti o pós-perestroika. A desilusão. Total. Longe de mim queixar-me: não sofri terrivelmente, sinto-me infinitamente agradecido às pessoas com quem trabalhei. Encontrei pessoas fabulosas. Que me ensinaram a respiração do cinema.

[...]

Alena Shumakova